

## Pastagem

# Perenização do pasto gera economia

O manejo correto da produção de forragem contribui para reduzir custo com concentrado e adubação

**Renato Villela**

Uma das maneiras de se reduzir os gastos com concentrado e adubação no médio e longo prazo é investir na perenização das pastagens. Ao tornar o pasto perene, o produtor dispensa práticas onerosas como a sua reforma ou recuperação. Além disso, pasto de boa qualidade traduz-se em menos gastos com concentrado.

O primeiro passo para tornar a pastagem perene é escolher uma forrageira adaptada às condições de clima e solo da região. “Um capim que produz bem nas condições de cerrado pode não se adaptar a uma região semiárida, onde chove pouco. Da mesma forma, por não serem

resistentes às geadas, a maioria das braquiárias não se adapta à região Sul”, explica Adilson de Paula Almeida Aguiar, professor de forragicultura da Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu) e diretor da consultoria Consupec, também de Uberaba, MG. Segundo ele, nenhum manejo contribuirá para tornar a pastagem perene se a espécie escolhida não for adequada.

O segundo procedimento diz respeito ao momento de introdução dos animais no pasto. Esse cuidado é importante para se evitar o sobrepastejo e a degradação da gramínea, e é fácil de ser adotado. Trata-se de respeitar a



altura do capim no piquete à entrada e saída do gado.

A altura varia de acordo com cada espécie e variedade de forrageira (veja quadro). Nas áreas não adubadas, Marco Penati, professor do Departamento de Zootecnia da Esalq/USP, de Piracicaba, SP, indica que

o capim seja deixado numa altura um pouco maior do que o indicado, tanto na entrada quanto na saída dos animais, uma vez que, sem nutrientes no solo, a capacidade de recuperação da forragem após o pastejo é menor.

Recomenda-se ao produtor que fique atento ao pastejo, que deve ser uniforme,



Pasto bem cuidado dispensa reforma ou recuperação, além de reduzir gasto com concentrado.

### Altura da pastagem para entrada dos animais

Forrageira	Altura
mombaça	90 cm
tanzânia	70 cm
elefante (cameroon)	100 cm
marandu	30 cm
xaraés	35 cm

Fonte: Roberta Carnevalli – agrônoma Embrapa Gado de Leite – Núcleo Regional Centro Oeste

para que os animais possam aproveitar melhor a forragem disponível. Em piquetes muito grandes, ou em solos férteis, cultivados com forrageiras de hábito de crescimento ereto – que se alongam em hastes grossas, como, por exemplo, o capim elefante –, o pastejo torna-se desuniforme mais facilmente. Isso porque os bovinos são seletivos na coleta e tendem a preterir o capim mais velho, menos palatável. Nesse caso, o produtor tem duas opções: aumentar o número de animais do lote ou reduzir o tamanho dos piquetes. “Esses três itens juntos – variedade da forragem, introdução dos animais no pasto e uniformidade do pastejo – têm grande impacto na prevenção da degradação da pastagem, e nenhum deles implica gastos com insumos, apenas

alterações no manejo”, destaca Aguiar.

De acordo com o especialista, manter o potencial da pastagem já implantada é mais fácil e chega a custar três vezes menos do que renovar ou replantar uma nova pastagem. Caso seja obrigado a reformar o pasto – o que envolve novo plantio da forrageira – ou a recuperar a pastagem por meio da correção da fertilidade do solo, o produtor gastará mais tempo e recursos. O valor do investimento dependerá de fatores como o nível de correção de solo (adição de calcário, gesso, fosfato), adubação de plantio, preparo do solo (manual ou tratorizado) e semeadura (sementes ou mudas).

Por isso, é importante estar de olho na fertilidade do solo. Sem a recomposição de seus nutrientes, a pastagem perde força com o passar dos anos. “O rebrote demora mais; nesse caso, algumas plantas invasoras, menos exigentes, tomam o espaço da forrageira”, explica Marcelo de Rezende, agrônomo da Cooperideal, de Londrina, PR. Para tanto, recomenda-se ao produtor fazer análise do solo uma vez por ano, para repor os valores mínimos de nutrientes, de modo que a pastagem continue sendo explorada e não desapareça”,

afirma Rezende. O custo da análise de solo varia de R\$ 18 a R\$ 35.

### Mais economia

Cuidar bem da pastagem significa também gastar menos na compra de ração. Segundo afirma Carlos Eugênio Martins, agrônomo pesquisador da Embrapa Gado de Leite, de Juiz de Fora, MG, é possível produzir de 10 kg a 14 litros de leite somente mediante pastejo, sem a necessidade de suplementação. “Para isso, é preciso forragem de qualidade e de bom potencial produtivo, adubação correta, adequada divisão do pasto em piquetes e taxa de lotação”, explica. A taxa de lotação (número de animais por unidade de área) deve ser ajustada à capacidade de suporte do pasto (quantidade de forragem disponível). Tanto o sobrepastejo, que resulta de uma taxa de lotação acima da capacidade de suporte da pastagem, quanto o subpastejo devem ser evitados.

Nos casos em que a adubação é feita regularmente, com o passar do tempo o solo demandará quantidade cada vez menor de nutrientes para manter-se fértil, uma vez que estará regularmente corrigido. “A partir do terceiro ano, é possível reduzir a quantidade de



## Sinais da degradação

O início da degradação de uma pastagem mal manejada nem sempre é facilmente perceptível pelo produtor. Entre o primeiro ano após ter sido implantada e o segundo ano de exploração, a produção de forragem, calculada em kg de matéria seca por hectare/ano, cai, em média, de 20% a 40%, informa Adilson Aguiar, da FAZU. Do segundo para o terceiro ano, a queda é de 10%. Por volta do quinto ano, a redução na produção de forragem já é bastante acentuada e pode variar de 50% a 75%. “Ao longo desse tempo ocorre uma perda gradativa no vigor da rebrota (área menor de expansão foliar, em cm/dia), após o pastejo”, informa.

A observação das folhas auxilia na detecção do que pode estar errado no manejo da pastagem. Alguns sintomas de deficiência nutricional são visíveis, como o amarelecimento e a secagem de folhas adultas, provocados por deficiência de nitrogênio, fósforo, potássio e magnésio, ou de folhas jovens, que acusam a falta de nutrientes como enxofre, cálcio e microminerais. É possível observar também um encurtamento e estreitamento das lâminas foliares.

Uma vez enfraquecida, a planta torna-se mais susceptível ao ataque de pragas, como a cigarrinha das pastagens e o percevejo, que podem provocar a morte das plantas em reboleiras, que são manchas de capim seco, em geral de formato arredondado. Nessas condições, também proliferam as pragas de solo, como formigueiros e cupinzeiros, que reduzem a área de pastejo e dificultam as operações com maquinário.

Ao mesmo tempo, a pastagem vai sendo invadida por plantas invasoras. “Esse processo de degradação é acompanhado pela redução na capacidade de suporte da pastagem e pela queda no desempenho dos animais, seja no ganho de peso, seja na produção de leite”, informa Aguiar.



Tadeu Sampato Carneiro

O Produtor Mauro Cansoni, na Fazenda Santa Marta: pastagem farta em área menor.

adubo em 10% a 12%. Do sétimo ano em diante, a quantidade cai pela metade da aplicada nos dois primeiros anos, para dar suporte à produção da mesma quantidade de massa do capim”, explica Aguiar. Essa redução refere-se à adubação de base, com fósforo e potássio. Já a necessidade de nitrogênio é calculada de acordo com a produção esperada.

O produtor Nilton Cesar Zambianco, do Sítio Nossa Senhora Aparecida, de Itararé, SP, pode constatar essa redução gradativa depois que passou a adu-

bar regularmente os pastos, de acordo com a análise de solo. No ano passado, Zambianco aplicou 454 kg/ha de fosfato supersimples e 413 kg/ha de cloreto de potássio, para adubar 28 piquetes de mombaça de 1.000 m<sup>2</sup> cada um. Neste ano, a quantidade de adubo necessária caiu para 310 kg/ha e 247 kg/ha, respectivamente. “É impressionante ver a diferença na produção da pastagem quando se cuida corretamente do solo”, afirma o produtor.

Nilton Zambianco diz que perdeu



Pastagem degradada fica sujeita ao ataque de pragas e invasão de plantas daninhas



## Como fazer a amostragem de solo

Para se saber o número de amostras a serem feitas, é preciso levar alguns pontos em consideração. Caso os pastos sejam formados pelo mesmo tipo de gramínea, estejam próximos e apresentem estado geral e tempo de uso semelhantes, podem ser agrupados em uma única amostragem.

“Se as gramíneas forem diferentes, terão necessidades específicas de reposição de nutrientes. Nesse caso, coletam-se amostras em separado para cada uma. O mesmo deve ser feito quanto a áreas de encostas de morro e áreas de baixada”, lembra Wagner Pires, da Wagner Pires Consultoria & Treinamento, de Indaiatuba, SP.

O custo de uma análise de solo no laboratório varia de R\$ 18 a R\$ 35.

muitos animais por falta de comida durante os períodos de estiagem até se decidir por buscar ajuda especializada para melhorar o pasto. “A orientação dos técnicos provocou uma mudança profunda na minha atividade. Não perdi mais animais, e minha produção de leite tem aumentado a cada ano”, diz o produtor, que tira 300 litros por dia de 15 vacas em lactação. Além da adubação com fósforo e potássio, Zambianco faz adubação nitrogenada durante a época das chuvas. “As vacas deixam o piquete quando o capim está na altura do joelho. Em seguida, se há umi-

dade, eu adubo com ureia, 25 gramas por metro quadrado”, informa.

Prática semelhante é adotada por Mauro Consoni, da Fazenda Santa Marta, em Nova Alvorada do Sul, MS. Consoni produzia leite com vacas alimentadas em pastagem de braquiária decumbens, forrageira de baixo valor nutricional. “Não fazia manejo de pastagem, nem adubação. Era um sistema extensivo”, relata. Com o tempo, os pastos começaram a se degradar. Ele também perdia animais por fome durante o período seco.

A mudança no sistema de produção

começou há dois anos, quando Consoni se juntou a outros nove produtores para contratar os serviços da Cooperideal, cooperativa de técnicos que atende 850 propriedades, de acordo com a metodologia do programa Balde Cheio. Hoje, ele utiliza apenas dois hectares para as vacas em lactação, em contraste com os 20 hectares que utilizava para manter o mesmo número de animais. Com o auxílio de Tadeu Sampaio Carneiro, agrônomo que presta assistência à fazenda, Consoni implantou dois módulos de capim mombaça, de um hectare cada, divididos em 28 piquetes. “Aprendi a fazer o manejo rotacionado do pasto”, diz. Os piquetes estão a uma distância próxima de sua casa. “Antes as vacas ficavam muito longe. Agora, se uma vaca tiver algum problema, ficará mais fácil socorrer”. Para dispor de alimento na seca, Consoni plantou 1,3 hectare de cana. Entusiasmado com os resultados, ele faz planos para o futuro. “O próximo passo será investir em genética”. ■